

TERRITÓRIO 1: ESTUDOS DA INFÂNCIA

1.1 FLORESTAN FERNANDES: CULTURA INFANTIL

Anete Abramowicz

Ao tomarmos o que podemos chamar de “sociologia da infância” no Brasil (ou “estudos da infância”) como uma espécie de marco inicial, o texto de Florestan Fernandes é central, pois introduz no debate e na descrição minuciosa das trocinhas, brincadeiras, folclores e folguedos das crianças as questões prementes e atualmente discutidas entre aqueles que trabalham na linha do que vem sendo denominado sociologia da infância.

Na monografia desenvolvida por Florestan Fernandes em 1944, que consistiu em uma pesquisa sobre as trocinhas do Bom Retiro, o autor procurou estabelecer debates com os folcloristas, no sentido de fazer do folclore uma ciência, e também com uma determinada psicologia da época. Entretanto, o foco principal foi evidenciar os processos de socialização das crianças por meio daquilo que Florestan chamou de “cultura infantil” no debate com a cultura adulta. Na realidade, era a sociologia como ciência que estava sendo formulada a partir do conceito de Cultura Infantil, chave na qual Florestan evidenciou os processos de socialização. O autor pesquisou a base e o suporte social da cultura e do folclore infantil, além dos processos de socialização das crianças dentro de um mesmo grupo. Deste modo, poderíamos afirmar que ele realizou uma espécie de sociologia “pura”. Porém, ao identificar os elementos presentes no universo infantil em algumas descrições das brincadeiras, músicas e folguedos, essa sociologia assinalou todos os elementos de uma sociologia da infância que viria a se constituir como campo teórico, mais extensamente a partir da década de 1990.

Ao analisarmos a monografia com as lentes dos pressupostos da sociologia da infância, notamos a atualidade, a pertinência e a fecundidade do trabalho. Em seu esforço por compreender as relações sociais entre as crianças, Florestan procurou descrever minuciosamente

tais relações e, ao fazê-lo, em certa medida realizou uma etnografia do universo infantil. Ali, de alguma maneira, já se revelavam temas atuais e contemporâneos, ainda que o autor não tenha se detido sobre eles, tais como as relações de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça, de classe social, o tema do estrangeiro, além do próprio tema-chave do trabalho, sobre o qual Florestan se debruça com profundidade: o de revelar o que é a cultura infantil. Todos os conceitos hoje constituídos pela sociologia da infância já estavam ali colocados, pois a monografia realiza uma análise dos rituais das crianças: folguedos, brincadeiras, jogos simbólicos, etc. Ao buscar construir os processos de socialização das crianças, mais do que fazer uma sociologia da cultura e dos estudos folclóricos, o autor realizou uma sociologia da infância.

Tema caro para aqueles que trabalham na fronteira entre educação e infância, ou para pesquisadores da criança e da infância, a sociologia da infância vem sendo quase ignorada pelos sociólogos, que por alguma razão abandonaram o tema sobre a socialização das crianças. Com este trabalho de Florestan, buscamos retomar o debate sobre o caráter singular da infância, que se opõe ao entendimento daqueles que cunham a infância como plural: infâncias. Florestan entende a infância como um meio social de socialização das crianças. Ou seja, a infância é uma estrutura social e, deste modo, é singular, tal como formulada contemporaneamente por Jens Qvortrup.¹

Do ponto de vista contemporâneo, a monografia se enquadraria como pertencente a uma sociologia da infância. Interessaram a Florestan os grupos infantis formados nas ruas e compostos de crianças acima de sete anos, pois nesse espaço e faixa etária os processos de socialização estavam presentes e internalizados, como uma espécie de consciência grupal. O que é necessário para a formação de uma cultura e dos processos de socialização, segundo Florestan? Primeiro, uma geografia; é necessário um território compartilhado, “a vizinhança”, “a contiguidade espacial”. Pela geografia, a cultura adulta se liga à infantil, já que esta última não cria territórios de maneira autônoma e, portanto, está submetida à vontade adulta. Destaca-se que até hoje é fulcral para a sociologia da infância o debate sobre o que é a cultura infantil e a sua autonomia ou não em relação à cultura adulta.

No entanto, a geografia por si só é insuficiente para a constituição do grupo e do social, sendo necessário a recreação e o brincar. É

1 Qvortrup (1993, 1994, [1999] 2010, 2002, 2005a, 2005b, 2005c).

necessário haver uma finalidade para colmatar os indivíduos, no caso “os imaturos”, como Florestan designava as crianças à época. Segundo ele, em um primeiro momento a brincadeira é um ponto de união, que se aprofunda a partir de atividades como as que hoje em dia chamamos de “faz de conta”. São essas atividades que formam um grupo e manifestam intolerância ao estrangeiro e a estranhos. Estas e outras brincadeiras (como pegador e barra-manteiga), que Florestan denominava “folclóricas”, se mostraram mais atraentes às meninas do que aos meninos, uma vez que os garotos “fugiam” destas para empenhar-se em atividades físicas não folclóricas, como futebol, natação, etc.

Na descrição da organização dos grupos infantis, as questões da sexualidade e de gênero apareceram de maneira contundente. Florestan não trabalhou as relações de gênero e sexualidade, mas fica evidente que as mesmas atravessavam e constituíam as crianças. Assim, apesar do tema estar totalmente subsumido no trabalho, ele aparece descrito por meio de algo que hoje chamaríamos de iniciação à heteronormatividade a partir do próprio grupo de crianças, uma vez que Florestan pretendeu constituir uma sociologia, ou os fundamentos sociais da constituição dos grupos e da cultura. Ou seja, as descrições realizadas por Florestan são minuciosas a ponto de tornar evidente a estudosos do gênero/sexualidade esta linha de análise totalmente colocada pelas e nas crianças. Em outras palavras, os princípios da normatividade sexual são postos pelos grupos infantis “formados na rua”, em um espaço relativamente autônomo do controle dos adultos. A monografia apresenta toda uma descrição da divisão entre os sexos e da formação do gênero, apontando que as meninas “desajustadas” têm uma desaprovação maior do que os meninos, sendo chamadas de “muleconas”, enquanto os garotos são chamados de “fresquinhos”, “frescos de merda”, “mariquinhas”, “veados”, etc. Ainda em relação ao tema gênero e grupo, Florestan afirma que “as meninas têm uma mentalidade grupal menos intensa”, enquanto os meninos apresentam um espírito coletivo e uma divisão de trabalho mais intensa. É preciso verificar na bibliografia atual como está colocado o debate sobre as brincadeiras de meninas e meninos.

Outra linha presente e não desenvolvida na pesquisa de Florestan Fernandes é a temática das relações de poder. A monografia mostra a liderança das meninas exercida de maneira mais ativa do que a liderança exercida pelos meninos. A temática da classe social também está presente, através da constatação de que pertencer ou não a uma

determinada classe social era mais importante entre as meninas do que entre os meninos. De fato, a base social de qualquer constituição cultural é atravessada por classes sociais, sexualidade e gênero, etnia e raça, e a descrição desta constituição do social é empreendida na primeira fase das pesquisas de Florestan.

Para o autor, todas as descrições realizadas (ser menino ou menina, a classe social, a etnia, a raça, a maneira de liderar) são os suportes ou a base social daquilo que ele irá cunhar como cultura infantil e/ou folclore infantil, cuja diferença “é pouco sutil”. Segundo Florestan, a cultura infantil é uma subcultura e é mais “inclusiva que folclore infantil”. A cultura infantil é o resultado das relações sociais e dos processos de socialização exercidos e vivenciados entre as crianças. Já o folclore é um fenômeno social que resulta dos embates da estrutura e das dinâmicas sociais. Ele afirma que há uma cultura infantil (cujo debate é intenso na atualidade) quase que exclusiva das crianças, cuja natureza é a ludicidade e que se adquire “na rua”, ou seja, no próprio grupo de crianças.

Neste ponto, Florestan apoiou-se em Piaget² para sustentar que os “folguedos”, diferentemente da interpretação comum dada pelos folcloristas de que seriam aspectos da imitação dos adultos por parte da criança, pertenceriam ao patrimônio cultural do grupo e “já estão suficientemente despersonalizados, pela duração no tempo e pelas transmissões sucessivas de grupos a ponto de não designarem pessoalmente ninguém. É antes uma aquisição das funções que uma imitação”.³ Os debates sobre o grau de autonomia da cultura infantil em relação à adulta, sobre a existência ou não de uma cultura genuinamente infantil, suas características, a genealogia das brincadeiras e a maneira pela qual as crianças se apropriam daquilo que vivenciam, permanecem em disputa entre os campos teóricos da sociologia, da psicologia, da antropologia e da própria geografia da criança. O texto sobre as trocinhas afirma que as crianças brincam com a função social, por exemplo, do pai, e não propriamente com a figura paterna, o que significa que as crianças se constituem socialmente, há uma maneira social de ser pai, mãe e criança, e isto é aprendido também na “rua”, de maneira informal, e entre os pares.

Para Florestan, a existência de uma cultura claramente infantil (de natureza lúdica), apreendida entre os pares, provém da cultura

2 Piaget (1932).

3 Fernandes (1979, p. 175).

adulta. Entretanto, é apreendida pelo grupo de crianças não como imitação, mas como um processo de aceitação. Essa cultura infantil é formada a partir dos “restos” da cultura adulta,⁴ recriados pelas crianças. Assim, as crianças elaboram elementos da cultura adulta e infantil. Podemos afirmar que, mesmo tendo havido um intenso aprofundamento teórico entre os autores que pensam a cultura, o debate iniciado por Florestan é de uma atualidade inaudita. As questões que constituem a sociologia da infância (tais como: O que é a cultura infantil? Ela existe? Qual a autonomia em relação à cultura dos adultos? Do que ela é formada? Qual é sua base social? Como é apreendida pelas crianças?) estão presentes no trabalho de Florestan, que trata da formação do ser social e do processo de socialização da criança a partir de seu próprio grupo social. A investigação deste grupo social, sua formação, sua cultura e sua base social foram a possibilidade que o autor encontrou para fazer a análise do que ele diz ser uma sociedade “em crisálida”. Como as crianças aceitam se agrupar? A que regras obedecem? Como recriam o aprendido? Por que aceitam as regras sociais? A imposição dos adultos? Por que a aceitação das regras entre os pares é mais fácil? Foram estas questões que o texto analisado procurou responder. Ao mostrar as formas pelas quais as crianças são socializadas (seja entre si ou não), o autor percorreu todas as linhas pelas quais a sociologia da infância brasileira vem se constituindo: gênero, sexualidade, raça, religião, classe social, etnia. Em texto publicado anteriormente a essa monografia, em 1942, Florestan afirmou: “os grupos infantis constituem uma suave introdução à sociedade, humanizando e nacionalizando a criança”.⁵ Ou seja, as crianças aprendem a ser crianças, a ter uma infância e a ser brasileiras. A sociologia da infância pretende perscrutar as linhas dessa constituição da criança, da infância e dos seus rituais, seja pela perspectiva de raça, gênero, classe social, etc.

A sociologia da infância francesa considera um texto menor e inacabado de Marcel Mauss, escrito em 1937, como o texto inicial e precursor do debate sobre a sociologia da infância. Neste texto, Mauss claramente cunha o termo “sociologia da infância”. Florestan provavelmente não conhecia este texto, uma vez que o mesmo foi recuperado

4 Apesar de nada indicar que Florestan seria um leitor de Walter Benjamin, há algo dele nesta percepção sobre os restos e sobras de cultura com os quais as crianças brincam. “Reconhecem nos restos o rosto que o mundo das coisas lhes mostra [...]” (BENJAMIN, 1992, p. 46).

5 Folclore e grupos infantis in Fernandes (1979, p. 377-386).

após a publicação de sua monografia, mas ambos compartilhavam da atmosfera teórica proposta por Durkheim naquilo que se forjava como o campo da sociologia, em especial, sobre a formação social dos indivíduos, dos grupos etc. No texto “Três observações sobre a sociologia da infância”,⁶ Mauss discute a infância como um meio social para a criança, o problema das gerações, as técnicas do corpo (na sua dimensão social) e a educação da infância. No Brasil, o extenso e denso trabalho de Florestan introduz claramente a questão e a existência de uma cultura infantil, que viria a ser largamente debatida pela sociologia da infância. O esforço de Mauss e Florestan consistiu em construir um olhar sociológico sobre as manifestações das crianças, opondo-se e conversando com a psicologia. Florestan se utilizou ainda da designação psicológica “imaturos” para se referir às crianças, mas há um esforço em introduzir um olhar sociológico nos meios infantis, nos meios propriamente ditos. Florestan incorporou o conceito de “ser social” de Durkheim para contrapô-lo ao “ser individual”, sugerindo que os grupos infantis socializavam a criança, agindo no mesmo sentido que a paróquia, a escola e a família na formação do ser social e no desenvolvimento da personalidade dos imaturos. A educação não formal, a da rua, desempenharia a função que Durkheim atribuiu à educação, a de desenvolver no indivíduo o “ser social”, propondo às crianças modos de ver, de sentir e de agir que nunca aprenderiam espontaneamente.

Quanto ao folclore infantil brasileiro, a contribuição e influência decisiva seria marcadamente portuguesa, e não negra, por exemplo, como poderíamos supor. Florestan mostra como a tradição promoveu e organizou a socialização das crianças. O ponto de partida estava em tomar os fatos folclóricos como *fatores de associação*,⁷ direcionando, portanto, a análise para o grupo infantil, base social das atividades recreativas, e suas relações com a tradição sociocultural.

Um último ponto a ser destacado na monografia, em relação à atualidade das questões colocadas a respeito da criança e da infância, é o papel de mediador desempenhado pela criança nas relações sociais em geral. Existem trabalhos na área da história e da sociologia que vêm mostrando a importância das crianças durante a escravidão no Brasil, por exemplo, quando elas desempenhavam a função socializadora na relação entre a sociedade e as famílias escravizadas. As crianças facili-

6 Mauss (2010).

7 Fernandes (1979, p. 377).

tavam para suas famílias a aprendizagem da língua, dos costumes, da cultura, etc. Em sua monografia, Florestan atentou-se para uma das funções fundamentais desempenhadas pelas crianças, descrevendo como a criança imigrante facilitou e intermediou a aculturação de sua família na sociedade brasileira.

Podemos concluir, portanto, que Florestan mostrou que o grupo infantil é um grupo de iniciação pela via da cultura infantil. Não se trata de uma imitação da cultura adulta, mas um sistema parcial de um sistema sociocultural mais geral, em que as crianças adquirem os padrões de conduta, os valores da comunidade e constituem-se como crianças e brasileiras. Na trilha analítica de Mauss e Durkheim dos fenômenos sociais, Florestan realizou uma ciência social, tomando a cultura infantil e o folclore como categorias de análise, buscando as raízes daquilo que poderia vir a se constituir como uma sociologia brasileira. Desta forma, poderíamos afirmar que seu trabalho abre o campo para a constituição da sociologia da infância no Brasil.